

muito incompleta em relação à do homem, que todavia nós consideramos análoga, guardos pela lei de que — factos similares provieram de causas similares — reconhecendo no entanto a scienzia, que o mundo animal tem faculdades psychicas adequadas para satisfazer os seus appetites e executar plenamente todas as suas funções.

Philosophia da religiosidade. — Concepções philosophicas sobre a Providencia e o mal. — Teoria da religião.

Desde Ciceron que a idéa de Providencia foi exposta com toda a nitidez na sua immortal obra : *De natura deorum*, onde o pensador romano explica a genese d'esta idéa e demonstra como ella governa o mundo physico, e como salutarmente dirige as cousas humanas.

O problema da Providencia é tão complexo e tão difícil que a philosophia moderna o não resolveu, e ainda o encara sob aspectos diferentes e contradictórios.

Explicar a idéa da Providencia como uma espécie de concepção subjectiva, como um ideal absolutamente perfeito, é

CAPÍTULO III

Philosophia da religiosidade.

uma teoria de altíssimo valor histórico, mas equivale a negar a sua realidade objectiva. Querer demonstrar a realidade da Providência pelas denominadas provas da existência de Deus, é acrescentar um argumento histórico, mas não é provar, porque a existência da Providência não se prova, sente-se ou constata-se. Não é mister indagar a origem psychica e as condições lógicas de tal ideia, basta completar uma noção existente em nós — a qual é o vestígio claro do sentimento religioso impresso em o nosso espírito. Os naturalistas modernos que se dizem ateus afirmam a existência da força e da matéria ou da natureza como único princípio das coisas, produzindo os mesmos pela sua actividade e pela sua inteligência poderosa. A natureza é a sua Providência a quem já Lucrecio, o poeta ateu, dirigiu um hymno entusiasta.

O movimento no universo existe em toda a parte, a matéria é inerte não tem em si o princípio do seu mechanismo, há um primeiro motor móvel, ou por outros termos a série das forças motrizes supõe uma força móvente, um princípio le-

gislativo, que está fora do mechanismo universal. Segundo Ernesto Renan, essa potência expressa pelo monoteísmo foi, como um instinto congenito na raça, semelhante e sôfona o carácter próprio das suas concepções religiosas, enquanto que os nossos antepassados, os árabes, não chegaram senão tardamente e, depois, dia mar longa elaboração analytica a constituir a sua cosmogonia com a idéia dum ser único e supremo, expresso numa lúmidoso synthese produzida pela filosofia grega.

Herbert Spencer reconhece que esta questão impeniosamente reclamou, da parte do espírito humano, uma solução, mas que na aurora da intelligencia, qualquer teoria explicativa, por simples que seja, toma facilmente raiz. A percepção exterior e a interna levam-nos necessariamente a procurar uma causa, cujo termo tem de ser uma causa infinita e absoluta, mas que em tal campo as conclusões do raciocínio são ilusórias, e n'esse suposto afirma Spencer que o resultado do raciocínio não é mais do que uma série de concepções symbolicas de ordem illegrima.

«Sobre a origem do universo», escreve elle, podemos nos verbalmente fazer três suposições intelligíveis. Podemos dizer ou que elle existe por si, ou se cria a si, ou é criado por exterior poder. Desnecessário é inquirir agora qual das três suposições é a mais crível. Esta questão resolve-se e afinal n'outra questão mais ampla, mais transcendente, e vem a ser, se qualquer delas é possível de conceber no rigoroso sentido do vocabulo.

«Examinemo-las uma apoi a outra, se sustentia por si, que uma máquina opera por si, que uma arvore cresce por si, as nossas expressões, com quanto inexactas representam cousas que podemos mentalmente suppor com uma perfeita exactidão.

A concepção que fizemos d'uma arvore crescer por si não ha duvida que é symbolica. Porem, com quanto não possamos representar realmente em nossa consciencia a serie completa de complexas transformações por que a arvore passa, podemos entretanto representar os termos principais das series; e ensina-nos a ge-

ral experiência que por aturada observação podemos adquirir a faculdade de figurar na mente uma serie de intuições que melhor representa as series reaes; isto é, sabemos que essa concepção symbolica do desenvolvimento espontaneo pode dilatar-se de modo a aproximar-se d'uma concepção real, e que, apesar de não ser exacta, exprime uma operação real da natureza. Quando nós porém falamos da existencia por si, e que com o auxilio das analogias já apontadas formamos d'ella uma concepção symbolica vamos spormos que esta concepção symbolica é da mesma ordem das outras. Juntamo as palavras *por si* à palavra existencia, é a força da associação faz-nos crer que temos uma ideia similar à que nos sugere as palavras d'actividade espontanea. Tentemos desenvolver esta concepção symbolica e a nossa ilusão desaparecerá.

En Primeiramente claro está que para nós as palavras d'existencia por si só querem dizer uma existencia independente de forma e qualquer outra; a qual por nenhuma

outra é produzida: a afirmação da existência por si é a indireta negação da criação. Excluída assim a ideia d'uma causa anterior, excluimos necessariamente a de um começo; porque admitir que houve tempo em que a existência não havia ainda começado, é admitir que o seu começo foi determinado por uma coisa ou causa qualquer, o que é uma contradição. Logo a existência por si significa a existência sem inicio, e uma concepção d'uma existência sem inicio. Ora não há contensão de espírito que chegue a tal alcance. Conceber a existência através do infinito do tempo passado, é conceber um tempo infinito decorrido, o que é uma impossibilidade. Ajuntemos a isto que, mesmo quando a existencia por si podesse conceber-se, de nenhum modo ella poderia explicar o universo. Não se pode dizer que a existencia d'um objecto num momento dado se possa conceber melhor pelo simples facto de se ter descoberto que existia uma hora, um dia, um anno antes; e, se res-

nham se torna mais intelligivel pelo facto de sua existencia durante um periodo anterior já decorrido, com certeza não ha palavras por mais e melhores que possam tornal-a mais intelligivel. Por isso não só a teoria ateista é inconcebivel; mas, quando o não fosse, nem por isso seria uma solução. A afirmação de que o universo existe por si não nos adeanta um passo, além do conhecimento da sua existencia presente, e deixanos conseguintemente em face de nova afirmação do mesmo mysterio.

In: «Não é mais susceptivel de se conceber a hypothese da creação por si que é o pantheismo sem tirar nem pôr. Phenomenos ha, como a precipitação d'um trânsito invisivel em forma de nuvem, que nos ajudam a formar uma concepção symbolica d'um universo em evolução espontanea, e tanto no ceo como na terra sobejam os dados que nos levam a tornar a nossa concepção sufficientemente precisa. Facil ésem duvida comprehendender a successão das phases através das quaes o universo passou para chegar á sua forma actual, como que tirando d'ella mesma a

sua propria determinação; mas a impossibilidade de transformar esta concepção simbólica d'uma criação por si em uma concepção real continua de pé e inabalável. Na realidade conceber a criação por si é conceber a existencia como potencia tornando-se existencia actual por efecto d'uma necessidade immanente o que não pode ser. Nós não podemos formar uma ideia da existencia potencial do universo senão distinta da sua existencia actual. Se ella effectivamente se representasse no espirito, sei o-hia como *alguma coisa*, isto é como existencia actual; a suposição de que ella estaria representada como coisa nenhuma encerra dois absurdos que nada é mais que uma negacão e podé representar-se ao espirito d'um modo positivo, e que um certo nada distingue-se dos outros nadas pelo poder de se desenvolver e de se tornar alguma coisa. Isto porém não é tudo. Nós não temos estado de consciencia que corresponda ás palavras: uma necessidade immanente por via da qual uma existencia potencia se tornou uma existencia actual. E, fora qso conceber a existencia que se conser-

vou por tempo indefinido sob uma forma em transito para outra forma por efecto d'um impulso exterior ou addicional; mas isto implica a ideia d'uma mudança sem causa, coisa de que se não pode fazer a minima ideia. D'este modo os termos d'esta hypothese não representam coisas reaes mas sugerem só os mais vagos symbolos e os menos susceptiveis d'interpretação. Mais ainda, se fosse verdade a existencia potencial poder ser concebida como coisa diversa d'uma existencia actual; e que a transição d'uma para a outra possesse figurar-se mentalmente como uma mudança determinada por si mesma, nem posso, estariamos mais adiantados. O problema teria recuado um passo. «E na verdade, d'oncde viria a existencia potencial? Seria necessário explicar a razão como a existencia actual, e nissso as mesmas dificuldades encontrariamos. Sobre a origem d'esta potencia latente não podíamos fazer suposição diversa das que já acima fizemos: a existencia por si, a crença por si e a criação por poder exterior.

«E' tão inconcebivel a existencia por si.

d'um universo potencial como a d'um universo actual. A creacão por si dum universo potencial com mais razão acarretaria as dificuldades que nos prendem; equivaleria a dizer que por detrás d'este universo potencial existe uma virtualidade ainda mais remota; e assim por deante, até ao infinito, sem com isso ficarmos mais adiantados. Por outro lado dar como causa d'este universo potencial uma força exterior, é introduzir infundadamente e sem fim determinado a noção d'um universo potencial.

«Temos ainda a hypothese geralmente admittida do theismo, a creacão por um poder exterior. Tanto nas mais grossas crenças como na cosmogonia que de ha muito corre acerte entre nós, supõe-se que o céo e a terra foram feitos à maneira de móvel trabalhado por mão d'artista. Esta hypothese não foi só obra de theologos, foi-o também da grande maioria dos philosophos passados e presentes. Os escriptos de Platão e os de grande numero de sabios contemporaneos mostram-nos que seus autores têm como indubitable uma tal ou qual analogia en-

tre a obra da creacão e a de um artifice. Pois bem, em primeiro lugar não só essa concepção é uma daquellas, cujas operações intellectuais acumuladas, assim como a execução das predições que d'ahi se podem deduzir, não mostram a menor correspondencia com coisa nenhuma real; não só, na falta de qualquer testemunho sobre a obra da creacão, nada prova que haja uma correspondencia entre esta concepção restricta e uma porção restricta do facto; ainda há mais: a concepção nem consigo mesma é consequente. Não só pode de modo nenhum ser concebida, ainda mesmo que se aceite tudo quanto supõe. Os processos d'um artista podem-nos na verdade servir um tanto ou quanto de symbolo para compreendermos o modo porque o universo se fabricado, mas não nos explicam o verdadeiro mysterio, isto é, a origem dos materiais de que o universo foi composto. O ferro, a madeira, a pedra que utilizas, não é o artifice que os faz; este limita-se a apenas afeiçoá-los e a reunil os, julgando que o sol, os planetas, os satélites, e tudo quanto estes corpos contêm,

fossen formados de igual maneira por um Grande Artista; apenas julgamos que disposta pela ordem em que presentemente os vemos, certos elementos preexistentes? «D'onde vinham porém esses elementos preexistentes?» «A similitude não-não-faz compreender, e, logo que tal não faz, valor nenhum tem.

«O verdadeiro misterio é a producção da matéria tirada do nada. Esta similitude não nos permite conceber-a, e de nadadá nos serve um symbole que nós recusam esse poder. A insuficiencia da teoria theista da criação torna-se ainda mais evidente quando dos objectos materiais passamos áquillo que os contém, quando examinamos o espaço em vez da matéria. Ainda que existisse apenas um vacuo incomensurável, seria mister explicar o Levantar-se-ia nova questão: D'onde vêm esse vacuo? Para uma teoria da criação ser completa deveria responder que o espaço fôr feito talqualmente à matéria. Todavia a impossibilidade de conceber esta maneira de crear o espaço é tão evidente que ninguém se atreve a afirmar.

ma-la. E, realidente, se o espaço foi criado, perché porque não existia antes; ora não ha esforço de intelligencia que possa imaginá-la: a não existencia do espaço. Uma das verdades que nos são mais familiares, é que a idea d'um espaço, cercando-nos, em redor, não pôde, um instante só, sair-nos do pensamento. Somos não só obrigados a crer no espaço presente em toda á parte, como somos igualmente incapazes de admitir a ausencia d'ele, quer no passado quer no futuro. Se a não existencia do espaço é absolutamente inconcebível, resulta d'ali que a criação do espaço, é inconcebivel também. Finalmente, admittindo ainda que a origem do universo possa ser na realidade representada, o pensamento como producto dum poder exterior, o misterio seria maior do que nunca, porque nova questão resultaria: D'onde vem a existencia d'um poder exterior? Para a explicar ha só as tres hipóteses da existencia: por si, da criação por si e da criação por poder exterior. A ultima é inadmissivel; leva-nos a percorrer uma serie infinita de poderes exteriores, e traz-nos de novo ao ponto

de partida. A segunda envolve-nos na mesma teia, pois, como já vimos, a criação por si supõe uma série infinita d'existências potenciais. Estamos, pois, em face da primeira, que é geralmente aceite e tida como satisfatória. Os que não podem compreender a existência por si do universo, e admitem portanto um criador como a causa do universo, não duvidam da possibilidade de conceber um criador existindo só por si. No grande facto que os circunda reconhecem nelles um mistério; transportando esse mistério para a pretendida causa d'esse grande facto, julgam tê-lo desvendado. Cegam-se. A existência por si, como já provéi no princípio da minha discussão, é rigorosamente inconcebível, seja qual for a natureza do objecto em questão. Quem admittir que a teoria ateísta é insustentável, por conter a ideia impossível da existência por si, deve forçosamente convir que a hypothese do theísmo é igualmente insustentável, pois contém a mesma impossibilidade. Assim, estas três diferentes suposições sobre a origem das coisas, com quanto verbalmente intel-

ligíveis, e qualquer d'ellas pareça completamente racional a seus adherentes, tornam-se, quando sujeitas à critica, literalmente inconcebíveis. Não se trata de saber se são prováveis ou plausíveis, trata-se de saber se é possível concebê-las. Prova a experiência que os elementos d'estas hypotheses não podem ser reunidos na consciência, e nós não podemos representá-los como essas pseudo-ídées d'um quadrado fluido, ou d'uma substância-moral, isto é, não procurando nunca torná-las idéias reais. Para voltarmos ao primeiro pé em que apresentámos a questão, diremos que cada uma d'ellas tem concepções simbólicas ilegítimas e ilusórias. Separadas como parecem por grandes diferenças, as hypotheses atestata, pantheista e theísta encerram o mesmo elemento fundamental. Não se pode fugir à necessidade de admitir até certo ponto a hypothese da existência por si; quer a formulem nuamente, quer a dissemilem com mil disfarces, é sempre viciosa, inogrável. Ou se trate d'um bocado de matéria, ou de uma fórmula virtual fingida, ou de uma causa mais remota, ainda me-

Nos imaginável, não podemos formar uma concepção da sua existência por si, senão combinando-as com a noção da duração ilimitada no passado. Esta duração ilimitada é concebível; todas as idéas formais em que ella entra são inconcebíveis, e, permitiram-me a phrase, tanto mais inconcebíveis quanto os outros elementos da idéa são menos definidos. Em conclusão, visto ser impossível julgar o universo existindo por si, todos os nossos esforços para o explicar só podem aumentar o numero das concepções impossíveis.

Esta doutrina tem a sua origem não na filosofia inglesa mas na escola kantiana, é ella que assinala o limite entre a certeza e a dúvida e torna na história da philosophia o nome de *Criticismo*. Kant no seculo passado encarregou-se de destrair esta bandeira rompendo por elle aquella parte do método analítico que se denominava observação e experiência.

A sciencia é por conseguinte a seu olhos sómente possível no círculo da observação interna ou externa. Tem por objecto os *phenomenos*; mas além dos *phenomenos* começa a região dos *nomenos*, ou essencia das coisas de que só temos um conhecimento ilusorio. Desta critica nasceriam todos os ataques que se fêem dijido contra a investigação do absoluto. Kant porém reconhecia que a observação era impossível sem as celebres categorias. Igualmente confessava que as matemáticas não repousavam de maneira alguma na experiência, sendo toda-via sciencias exactas. Deixando de lado

¹ Declarava que as idéas religiosas e morais não eram verificadas pela razão pura, mas que eram postulados indispensáveis da razão prática. O positivismo ortodoxo não respeitou nenhuma das reservas de Kant e Herbert Spencer mais circunspecções coloca a idéa do absoluto no fundo do *incognoscível*, estabelecendo o sistema que se chama *agnosticismo*.²

¹ Les Principes par H. Spencer pag. 27 traduction de E. Cazelles.

² Communication enviada à Academia real da Belgica 1887, por Tiberghien.

O agnosticismo de H. Spencer na sua forma concreta é de origem inglesa. Locke formulou contra Descartes a critica do infinito e W. Hamilton contra Cousin a critica do absoluto. H. Spencer adoptou esta critica, e complementando-a encontrou os elementos para a *teoria do incognoscível*. Segundo o exemplo de Kant traçou a linha divisoria entre o sensível e o suprasensível, entre os objectos da experiência e os da razão. O absoluto é o incognoscível, a inteligência não alcança senão o relativo, a ciência reduz-se pois às coexistências e às sequências dos fenomenos.

O principal argumento em defesa desta teoria é que o pensamento humano é condicionado, é limitado e consequentemente não pode alcançar o infinito. Ora o infinito é uma idéa simples da razão, é a idéa do todo ou totalidade que todos os espíritos comprehendem. Todos os matemáticos e filósofos, com rarissimas exceções, sustentam que o infinito não se concebe senão no infinito ou que o finito é uma parte da realidade e o infinito a realidade completa. O outro

argumento contra a concepção do infinito tem ainda menos valor, dizendo que a função do pensamento é distinguir as causas e classificá-las e que o infinito não pode distinguir-se de nada, nem ser classificado em nenhuma categoria. E' extraordinaria esta objecção da parte do grande pensador inglez, que pretende de nada saber do infinito e que o conhecce também, que afirma não poder agrupá-lo com causas finitas collocando sem hesitar nas causas incognoscíveis.

Para Spencer, Deus é uma concepção simbolica de ordem illegríma, consequentemente, o absoluto, o infinito, não podem ser a base da religião, para esta escola a religião assenta na ignorância e no misterio.

O que é uma língua? um conjunto de signos que servem para exprimir a vida espiritual. As diversas palavras de que se compõe uma língua correspondem ás diferentes operações intellectivas, sendo tudo o que recebe nome n'uma língua objecto do pensamento, se os termos *Deus, infinito, absoluto*, se encontram em todas as línguas de povos civilizados, segue-se que

estas idéas são objecto de conhecimento.

E' difícil definir o absoluto ou o infinito, dizemos assim porque estes dois termos em metaphysica são synonymos. Segundo uma phrase eternamente verdadeira de Aristoteles o infinito é uma potencia que *nem a ser* incessantemente sem ser nunca. Louis Liard n'uma analyse do absoluto através da historia da filosofia desde Platão a Spencer, incluindo Comte, prova que todos os philosophos tem admitido uma existencia em si e por si, e conclue d'essa unanimidade que a noção do absoluto se impõe ao espírito com o carácter de necessidade invencível.⁴ Faz depois d'un modo profundo a analyse logica e metaphysica d'esta idéa e termina por afirmar que a alma humana crê no absoluto puro e simples, impellida por uma necessidade permanente da sua natureza.

Há no espírito em abono da noção

do absoluto uma lei formal do pensamento que é uma propriedade essencial de toda a idéa dada, cujo carácter consiste em dividir a totalidade das causas reaes e possíveis em dois grupos; o que posse as qualidades contidas na idéa e o que as não possue, do mesmo modo que uma circumferência divide todo o espaço em duas porções, uma interior e outra exterior. Este facto é exacto e assim a idéa de finito leva-nos a afirmar necessariamente a de infinito. Acceitamos isto, sem dependencia da celebre teoria kantiana das antinomias, que Renouvier rejeita como contradictoria.¹

Quando se fazem entrar em a noção do absoluto as tres noções elementares na accepção commun do infinito, do perfeito, do absoluto, essa noção chama-se Deus. N'este caso o absoluto mostra-se sob diferentes aspectos e para muitos a razão suficiente das causas secundarias, para os

¹ La science positive et la metaphysique, pag. 313 L. Liard.

¹ Traité de Logique générale et formelle, pag. 23, vol. III Ch. Renouvier.

philosophos, o absoluto chama-se *causa primeira*; — como razão suficiente de substâncias relativas, *substancia aboluta*; — como razão de todos os fins particulares, *fim supremo ou bem*; — como razão dos causas que duram, *eternidade*; — como razão das causas extensas, *imensidate*; — como razão de toda a verdade, *verdadeiro absoluto*; — como razão de toda a beleza, *bello absoluto*.¹ O absurdo é uma idéa resultante d'uma operação racional, como o mundo exterior é a resultante d'uma operação sensitiva; para ambas estas idéias se demonstra em pura psychologia a origem e a evolução, sem precisar discutir-se a questão metaphysica da sua existencia. Antes do planeta Neptuno ter sido objectivamente visto por ninguem com auxilio de telescopio ou de luneta astronomica, já a razão de Leverrier o havia inventado. Ainda que o homem não encontre o infinito que incessantemente procura, a razão concebe a sua existencia.

Esta hypothese do *incognoscivel* renova a doutrina dos theologos que combatem contra a activa razão, humilhando-a á similitude dos mysticos e entregando o espírito, depois de julgado inerte e impotente, a uma fé cega e a uma credulidade completa como o affirma e practica na sua qualidade de *calvinista anglicano* o proprio Spencer. E' mister pois que todos os que lutam contra o fanatismo religioso e contra os horrores da superstição se levantem para combater esta perigosa theoria. Aceitar integralmente esta theoria com todas as suas consequencias equivale a renunciar á especulação pelas faculdades á similitude do mysticismo de Plotino. A sciencia positiva está limitada efectivamente ao domínio do relativo, mas a sua condição funcional é ligar antecedentes e consequentes phenomenaes, segundo relações universaes e constantes o que provava que o empirismo em virtude d'essas relações universaes não pôde ser a origem de toda a sciencia. Ha elementos fundamentaes em todos os conhecimentos provinientes da percepção externa que envolvem a condição do absoluto, ma-

¹ Leçons de Philosophie par Elie Rabier, pag. 468.

nifesta na determinação do relativo. O absoluto não pode definir-se senão verbalmente e por oposições, mas a philosophia critica reconhece que este princípio se encontra no fundo das diferentes vicissitudes de toda a verdade relativa. O proprio positivismo francez pela boca do limpido talento de Emile Littré reconhece que, além do saber positivo, ha alguma causa de inacessível, mas inacessível não quer de modo nenhum dizer, não existente, o que implicitamente revela que existe d'um modo diverso.

Não queremos n'estas ligeiras considerações tratar um tão dificultoso assunto, nem como uma questão de hierologia pura nem como de palpante dialética, e delinearemos apenas uns traços gerais, considerando a religião especialmente como um facto psychologico, no seu desenvolvimento interrumpido e progressivo. Ouçamos Max Müller o mais egregio promotor dos estudos hierológicos na actualidade o qual tem dedicado uma grande parte da sua laboriosa vida ao estudo profundo do sentimento religioso.

«Finalmente levantaram algumas objec-

ções contra o emprego que faço da palavra *infinito*, para designar o objecto da consciencia religiosa. Escolha como sendo a designação que menos se presta á critica de tudo o que está além do alcance dos nossos sentidos e da nossa razão. Admitte-se universalmente que todo o conhecimento dos sentidos, seja qual fôr, é finito, finito no tempo e no espaço, finito em quantidade e qualidade, e, como o nosso conhecimento racional assenta por completo no conhecimento pelos sentidos, do mesmo modo se relaciona só com objectos finitos. Quando pois precisei achar um termo que caracterisasse este grande ramo do conhecimento que constitue a religião, julguei que a palavra *infinito* era melhor que as palavras *immaterial*, *supra-sensivel*, *sobrenatural*, *absoluto*, ou *dímino*, porque o carácter de *finito* é a qualidade mais geral do conhecimento chamado positivo. A palavra *infinito* parecia-me o termo vasto, a generalisação mais ampla ; se acharem preferível outro termo, repito, estou prompto a adoptá-lo. Tentemos agora unicamente a compreender com clareza o que enten-

demos por esta palavra *infinito*; ou outra melhor, caso a haja. Se, como certos filósofos supõem, o infinito fosse uma simples abstracção negativa, indubitablemente bastaria a razão para explicar como nos assenhoreamos da ideia. Porém a abstracção não nos dará nunca um apice a mais do objecto sobre que opera. De um dado numero de percepções podemos nós abstrair a ideia de um dado numero: mas o infinito não é dado pelo finito, e por isso baldado será o trabalho, pois nunca poderemos tirar um do outro por abstracção. Dizer, como muitas vezes se diz, que o infinito é um conceito abstrato negativo, é um mero équivoco. Podemos formar um conceito d'este género, quando se trata de objectos que fazem parte d'uma serie ou que estão em correlação. Seja o conceito d'um objecto que faz parte d'uma serie, *azul*, por exemplo: *não azul* significará verde, amarelo, encarnado, toda e qualquer côr, menos *azul*: o *não azul* designará o conceito interior da côr, menos o azul. Do mesmo modo, se nos servirmos de conceitos relativos, verbi gratia: *recto* e *curvo*, pó-

de-se chamar o conceito *não recto* um conceito negativo; comqundo na realidade é tão positivo como o conceito *curvo*, *não recto* significando *curvo*, *não curvo* significando *recto*.

Appliquemos os mesmos principios ao finito. O finito, dizem-nos, comprehende tudo quanto pôde ser concebido pelos sentidos, ou analysado pela razão. Se não nos contentarmos, pois, com formar uma palavra ao acaso, antepondo a partícula negativa á palavra *finito*, se tentarmos formar um conceito realmente negativo, o conceito do infinito estará fora do conceito de finito, e como fora d'este ultimo conceito nada conhecemos, o conceito do infinito só comprehenderá o nada. Não se pôde, pois, considerar o infinito como um simples conceito negativo; quando mais não fosse, seria uma palavra formada por falsa analogia e significaria *nada*. Antes de nos embrenharmos n'esta lucta decisiva, examinemos ainda uma vez o campo da lucta, tal como no lo apresentaram, e vejamos o terreno comum sobre que os dois partidos convieram pôr ponto na questão. A primeira

concessão que nos fazem é que toda a consciência começa pela percepção dos sentidos, por aquilo que tacitamente, ou vimos, vemos : isto dá-nos o conhecimento sensível.

«Segunda concessão : é que com esses materiais formámos nós o conhecimento racional, que consiste em conceitos colectivos e em conceitos abstratos. Aquilo a que se chama *pensar*, é adicionar e subtrair percepções. O conhecimento por conceitos difere do conhecimento pelos sentidos, isto quanto à forma e não quanto ao fundo. Com respeito aos materiais que o constituem, nada ha na intelligencia que não tenha primeiramente passado pelos sentidos. O orgão do conhecimento é o mesmo em todos os seres vivos, com a diferença de existir mais desenvolvido nos animais de cinco sentidos do que n'aquelles que só têm um, e mais desenvolvido ainda no homem que conta e faz conceitos do que n'aquelles animais que tal não fazem. Tal é o terreno da luta, taes as armas que nos fornecem : Dizem-nos ser com estas armas que se obteve todo o

conhecimento, que todo o mundo se conquistou. Se crêdes ~~com~~ elas abrir caminhos que vos leve para além das barreiras d'este mundo, muito bem ; do contrario, confessae que tudo quanto se conhece com o nome de *religião*, desde o mais grosseiro fetichismo até á fé mais ideal e exaltada, não passa de pura ilusão, cujo reconhecimento é o magno triunfo do seculo actual. Aceito a luta n'estes termos ; e sustento que a religião, em vez de ser coisa impossivel, é coisa necessaria, se nos deixarem apenas de posse dos nossos sentidos taes como a natureza no los deu, e não como alguns philosophos no-lhos desfazem. D'este modo a questão que se debate é clara. Nós não appellamos para um dom especial : o unico dom que reclamamos é a percepção ; a unica revelação para que appellamos, é a evolução historica. Porque seria preciso não supor que achamos a ideia do infinito completamente estabelecida desde o alvorecer da nossa historia. Ha ainda agora milhões de seres humanos para quem esta unica palavra seria inintelligel. O que

pretendemos é que o germen, a possibilidade, o *talvez* d'esta idéa, jazia occulto nas primeiras percepções dos sentidos e que, assim como a razão é um desenvolvimento do que ha de finito n'ellas, assim também a fé é um desenvolvimento do que ha n'ellas d'infinito desde o primeiro momento. A philosophia positiva imagina que tudo quanto nos é transmitido pelos sentidos, é de sua natureza finito, e que tudo quanto vae além do finito, é mera ilusão, o proprio termo *infinito* não passa d'uma reunião de syllabas, feita pela junção material da partícula negativa com o adjetivo *finito*: ora, esta particular perfeitamente collocada com um conceito d'objectos que formam serie ou que estão em correlação, está completamente deslocada com um conceito exclusivo e absoluto, como o de finito. Se os sentidos nos dizem que *tudo* é finito, e se a razão assenta só nos sentidos, quem tem o direito de fallar em infinito? Talvez seja verdade que um elemento essencial de todo o sacerdote religioso é admitir a existencia de seres que não podem ser concebidos nem pelos sentidos nem pela

razão, seres que de facto são infinitos e não finitos. Mas, em vez d'admitir uma terceira faculdade para explicar esses factos de religião, a philosophia positiva destroer este raciocínio e estabelece, por este mesmo motivo, que a religião não tem verdadeiras raízes em nossa consciência, que é simples miragem que com brilhantes visões attrae no deserto o cidadão viajante, para depois o abandonar desesperado quando o vê já proximo do logar d'onde parecia brotar a nascente d'água viva. Não olvidemos que aceitámos a questão como no-la apresentaram os nossos adversários, e que por conseguinte falamos do homem com os sentimentos e nada mais. A maior parte dos filósofos-acharia mais natural e sem dúvida mais decisivo, derivar a ideia d'infinito d'uma necessidade da nossa razão. Em qualquer lugar que tentemos fixar um ponto no espaço ou no tempo, nunca conseguimos fazer de maneira que não possamos fixar outro a par d'elle. A própria ideia de limite supõe a ideia de um além, impondo-nos por consequente a ideia d'infinito, quer queiramos, quer não.

Isto é perfeitamente verdadeiro; mas devemos pensar em os nossos adversários e não em os nossos amigos, e todos sabemos que os nossos contrários não aceitam esta razão. Se, por um lado, dizem elles, a nossa idéa da Divindade supõe um além e por isso implica o infinito, por outro lado, a nossa idéa d'um todo exclui o além e implica o finito. São destas antinomias da razão humana que Kant analysou minuciosamente, e os filósofos que o seguiram, citam-nas, como é natural, para mostrarem que as pretendidas necessidades da razão poderiam no fim de contas ser apenas as fraquezas da razão, e que em vista d'isso se não devem admitir as idéas de finito ou de infinito senão nas mesmas condições das outras idéas, quer dizer, se se mostra que elas são o fruto não da especulação, mas da experiência, e da experiência sensível, pois toda a experiência principia pelos sentidos. Eis a objecção que nos é mister atacar. Hamilton agora fica de parte. Aceitámos o primitivo selvagem, possuindo apenas os cinco sentidos e nada mais. Os cinco sentidos dão-lhe conhecimento

mento d'objectos finitos; o problema está em saber como um simulhante ser pôde chegar a pensar e a falar em coisas que vão além do finito.

Respondo, sem receio de contestações que são os mesmos sentidos que lhe produzem a primeira impressão das coisas não finitas, e que acabam por lhe dar a primeira suspeita do infinito. Para o selvagem primitivo e para todo o homem na infância da actividade intelectual, todo o objecto a que os seus sentidos não vejam limite, é illimitado ou infinito. O homem vê até certo ponto, e chegado ahi a vista falta-lhe. Porém, justamente no ponto em que a vista lhe falta, impõe-se-lhe, por vontade ou sem ella, a percção do illimitado ou do infinito. Pode dizer-se que não é uma percção no sentido vulgar do termo, e muito menos um raciocínio. Ao perceber o infinito não contamos, nem medimos, nem compararmos ou nomearmos. Não sabemos o que é o infinito, mas sabemos que existe, por nos sentirmos em imediato contacto com elle. Se parece arranjado dizer que o homem vê realmente o invisí-

vel, digamos que *soffre do invisível*, e este invisível não passa d'um nome particular do infinito. D'esta maneira, é difícil para a distancia ou extensão, é difícil negar que os olhos, pela mesma razão que alcançam o finito, alcançam também o infinito. Quanto mais nos adeantarmos tanto mais o nosso horizonte se ha de forçosamente alargar. Mas não ha, não pode nunca haver, para os nossos sentidos, horizonte que não assente entre o visível e o finito, d'um lado, o invisível e o infinito do outro. A noção do infinito em vez de ser apenas uma abstracção tardia, acha-se pois realmente envolvida nas primeiras manifestações do conhecimento sensível. A teologia começa com a anthropologia.¹

Se nem a psychologia nem a historia das religiões pudesse demonstrar a realidade da noção do infinito, ella seria até certo ponto demonstrada pelas nossas aspirações constantes para esse infinito.

As leis objectivas do pensamento estão ligadas entre si por syntheses primitivas e ireductíveis.⁴ O espaço e a afirmação do infinito como condição da existência material, e o tempo a do infinito como condição dos factos sucessivos. O tempo e o espaço são dados n'uma synthese indissolável, a intuição do tempo supõe mudanças; a mudança, movimento, o movimento supõe o espaço. A intuição do espaço implica a coexistencia de partes actuais ou possíveis e a coexistencia im-
plica a noção do tempo.
O Conhecimento do absoluto é todavia necessário não só para repousar o nosso pensamento, mas para constituir a razão suficiente da existencia das cousas.
O espírito humano possui a ideia do infinito, concebe o, mas para conhecê-lo seriam precisos ao homem mais séculos de existencia n'este globo de lodo do que

¹ Origines et developpement de la religion, études à la lumière des religions de l'Inde, pag. 34. Max Muller, traduit par Darmesteter.

L'origine des idées philosophiques chez les Indiens. Louis Lillard. Origines du Positivisme contemporain, J. B. Tissander.

estrelas visíveis e invisíveis ha na via Júctea.

No seu livro admirável, a *Astronomia popular*, o eminentíssimo vulgarizador Camillo Flammarion, imagina um viajante eterno que, partindo da Terra, se eleve, sempre em linha recta, com a celeridade espantosa da luz, isto é 75'000 leguas por segundo, e percorra todas as etapas de des-
conhecido. Vou transcrever-lhe esse

Acompanhem-nos! Vamos o vermos! Vamos!
Estamos sobre a terra, no globo, que é
brilhante, roilante, em turbilhão, foguete,
de mais de dez movimentos incessantes,
e variados, mas, somos tão pequeninos
neste globo e estamos tão afastados do
resto do mundo, que tudo nos parece
imovel e imutável. Entretanto, quando
desdobra o seu manto, as estrelas accen-
dem-se no fundo dos céus, a estrela cres-
picular resplandece, no occidente, e a sua
derrama na atmosphera o seu lúminal so-
orvalho. Partamos! Precipitemo-nos, com
a ligeireza da luz. Ao cabo de dois segundos
dos passamos á vista do mundo Júpiter, que
abre perante-nos as suas crateras escancaradas, e desenrola os seus valles alpesc-

tres e selvagens. Não paremos. O sol reapparece, e permitte-nos que pela ultima vez relançemos o olhar para a Terra iluminada, pequeno globo inclinado que cae, diminuindo na noite infinita. Vemos aproxima-se, terra nova, igual à nossa, povoada de seres em movimento rápido e apaixonado. Não paremos. Passamos a par perto do sol para reconhecer as suas formidáveis exposições; mas, continuemos o nosso voo. Aqui temos Maré com os seus mediterrâneos de mil recortes, golhos, praias, grandes rios, fozes, vales caprichosos, populações activas e pressurosas. O tempo foge, e cada de demoras. Colosso enorme, Júpiter approxima-se. Mil terras há lhe dão aí, que tumultuam na sua superfície, que tempestades, que vulgões, que cyclones sob a sua atmosphera latentes, que estranhos animais nas suas aguas! A humandade ainda ali não aparece. Voumos, vóemo-sempre. Este mundo tão rápido como Júpiter, tornado de estranha arteola, é o planeta phantástico de Sátiro, nem volta da qual corre em órbita

globos de phases variadas; phantasticos nos parecem tambem os seres que o habitam: — Sigamos o nosso celeste ambatimento. Urano, Neptuno, são os deradeiros mundos conhecidos que encontramos na nossa passagem. Mas voemos, voemos sempre! Pálido, desgrehnado, lento, fatigado, deslisa tem frete de nós o cometa perdido na noite do seu aphelio; mas distinguimos sempre o sol, como a estrela immensa brilhando no meio da populaçāo do céu. — Com a velocidade constante de 75.000 leguas por segundo, quatro horas foram suficientes para nos transportar à distancia de Neptuno; mas ha já muitos dias que voamos, através dos aphelios cometarios, e durante muitas secunas, muitos mezes, continuâmos a arre vessar as solidões que cercam as famílias lar, encontrando apenas cometas que viviam d'um para outro sistema, as estrelas fragmentos de os misterioites, os cadentes, mundos em ruinas, riscados do livro da vida. Voemos, voemos ainda, — durante tres annos e seis mezes! — antes de realçancar o sol mais proximo, fornalharenore missima, duplo sol, gravitando em cadeias

cia e revertendo em volta, no espaço, luz e calor: ainda mais intensos que vimos no nosso proprio sol. Mas, não paremos... «Continuemos durante dez annos, vinte annos, cem annos, mil annos, esta manvagem com a mesma celeridade de 75.000 leguas em cada segundo! Sim, durante mil annos, sem paragem nem enfraquecimento das marchas, arravessemos, examinemos de relance, esses sistemas, multiplos, desses novos soés de tardas, das grandezas, focos fecundos e prodossissimos, astros cuja luz se accende extinguindo, dessas innumeraeis famílias de planetas, variadas, multiplicadas, longiquas, terras poroadas, de seres inconcebíveis, idee, todas, as formas e naturezas, esses satellites multícoros, todas, essas imesperadas, paisagens celestes, observaremos as nações, sidades, saudemos seus trabalhos, obras, historia, advinhemos-lhes costumes, paixões: as ideias, nas não paremos! Mais outros mil annos, semnos apressar, para contiuuar a nossa viagem em linha recta, aceltemos, intulsemos, atravessemos todos esses montes

de soes, esses universos longíquos, essas nebulosas que flamméjam, essa via lactea que se rasga em tiras, essas gêneses formidáveis que se succedem através da imensidate sempre brillante : não nos surprehendamos dos soes que se a proximaram ou se estrelas longíquas chegam perante nos, lagrimas de fogo caindo no abysso eterno ; assistamos ao desmoronamento dos globos, á ruina de terras caíducas, do nascimento de mundos novos ; acompanhemos a queda dos systemas para as constellações que os chamam ; mas, não paremos ! Andam mil annos, anda dez mil annos, anda cem mil annos d'esta ascensão, sem afrouxar, sem vertigem, sempre em linha recta, sempre com a mesma velocidade de 75.000 leguas; por segundo! Concedemos que vamos vogando assim durante dum milhão d'annos... Estaremos nos confins do universo visível? « Mas é que o universo é grande, e o tempo é longo »

« Mais immensidades negras, tempestuosas que é forçoso transpor... Mas lá em baixo, novas estrelas se accendem no fundo dos céus... Precipitemos-nos paralelas, alcancemol-as... Novomilhão d'annos,

novas revelações, novos esplendores, estrellados universos, novos mundos, novas terras, novas humanidades! Pois que! não acaba? não acabará jamais? nem horizonte fechado? nem abobada? nem céu que nos ponha um dique? Sempre o espaço, sempre o vacuo! Onde estamos? que caminho temos percorrido? Estamos assim estarmos *no vestibulo do infinito!*! não avançámos *um meio passo!* estamos sempre no mesmo ponto! O centro é na toda a parte, a circunferencia em parte alguma!... Sim, ah! temos, aberto perante nós, o *Infinito*, cujo estudo ainda não começou¹⁶. Nada temos visto, recuados de espanto, caimos, amiquilados, incapazes de prosseguir n'esta, inútil carreira... Ehl! podemos cair, cair, em lida perpendicular sobre o abysmo, caindo sempre, durante toda a eternidade, e já mais alcançariamo o fundo, assim como não atingimos a altura. Nem mesmo nos aproximariamo! Nem céu, nem inferno, nem oriente, nem occidente; nem catorze, nem baixo; nem esquerda, nem direita! Em qualquer direcção consideremos o universo, é o INFINITO EM TODOS OS

SENTIDOS. N'este infinito, as associações de soes e de mundos que constituem o nosso universo visivel formam apenas uma ilha do grande archipelago, e, na eternidade da duração, a vida da nossa orgulhosa humanidade, com toda a sua história religiosa e política, toda a vida do nosso planeta não é mais do que o sonho d'un instant!...»

Se o ser absoluto, expresso pelas Providencia reune em si a triplice perfeição do amor, do poder e da razão, deve intervir no governo do mundo. No entanto o planeta que o homem habita, considerado physicamente, está muito longe de oferecer um espectáculo perfeitamente harmonico e constante; há frequentemente luctas e discordias que perturbam a existencia. A natureza tyranicamente oculta no seu seio as causas de destruição e de desordem, o que torna a vida afflictiva e precaria.

Centenas de males ferem cruelmente o homem no seu corpo e no seu espírito, impossíveis de conjurar. E' uma condição indispensavel para o homem o trabalho e, como é de quotidiana expe-

nencia, o sofrimento é seu indispensável companheiro, ainda que na sua senda tenha como estimulo a emulação, o lucro, o dever ou a honra; mesmo que a forma de trabalho seja atrahente e suave, ninguem trabalha por prazer. Não pode negar-se que o mal é uma chaga profunda que sangra perpetuamente no coração da humanidade. A nossa felicidade é a hypothese, a nossa desgraça a realidade. A vida do homem é, pôde dizer-se, um livro, onde os dias felizes são apenas curtos parenthesis. Apesar dessa perseguição constante do mal, elle é até certo ponto, numa necessidade; a vida do homem em quem não cae uma lagrima, é como um deserto onde não cai gota de agua; só cria serpentes. O homem na sua synthese especulativa e affectiva acha-se dominado por uma tendencia insaciavel para conhecer e para amar, deseja possuir não só o rudo que é verdadeiro e bello, mas eternizar completamente a sua posse, o que é por natureza impossivel.

O proprio sentimento da belleza e da justiça que elle concebe, não os pos-

sue senão subiectiva e imperfeitamente no pallido reflexo d'um ideal. Nas obras de arte e na sociedade melhor organizada, representações reaes d'essa concepcion psychica, a idéa do bello e do justo é ainda menos perfeita. *Já houve um scriptor catholico e philosopho da historia, Schelegel, que sustentou que à excepcion do povo escolhido, Deus entregará todos os homens ao espírito do mal.* Laurent chama a esta teoria o *diabo na historia*. *Se Deus é o autor do mundo, se elle o conhece, se é bom e justo, as coisas devem ser n'elle consonante a sua vontade, e a sua accão pode chamar-se providencial.* A providencia é o acto pelo qual Deus procura o bem do mundo. Agora mais do que nunca é necessário affastar as ficções da imaginação e não *humanizar* Deus. A sua vontade immutavel traz-se por leis geraes e não por decretos successivos; e Malbranche sustenta d'um modo firme este ponto de doutrina. *A providencia porém vacareta uma nova dificuldade.* O mundo está repleto de imperfeições;

porque não é elle melhor? O mal n'elle mistura-se com o bem; se Deus tal não pôde impedir, em que fica o seu poder; e se tal não quiz, que é feito da sua bondade? D'ahi vêm os contras que os filósofos reuniram e catalogaram sob tres secções: o mal metaphysico, o mal physico e o mal moral, por outras palavras, a imperfeição do mundo, o sofrimento sob todas as formas e finalmente a culpa ou o crime. Tal assumpto dá margem a argumentos discursos: desde os optimistas adovgam a causa de Deus, que o homem pensa, repete a queixa de Job echora o seu destino. Por seu lado os pessimistas, que a queixa de Deus, não sem subtileza, fazem notar que o Universo é necessariamente imperfeito, e que devia sel-o, não sendo Deus; que as leis geraes que o regem não podem deixar de ter por vezes consequencias más para o homem, mas que Deus não o pôde remediar; sem o contradizer e sem alterar a belleza d'sua obra; que a dor muitas vezes é mercida, é sempre salutar e que tem por efecto o merito; que a morte é uma metamorphose, e que é de mau gosto accusar-a, pois que livra da

vida que tão má julgam; finalmente que o crime e a culpa são obra do homem e que Deus é inocente. A este arrazoado não é difícil responder que o mundo sem ser perfeito podia ser melhor; que as leis geraes são bellas, mas que nem por isso são menos cruéis; que muitas dôres são immencidas; quanto ao mais as suas razões parecem boas; a morte, se a sobrevivencia nos é assegurada, não é um mal, e a culpa e o crime são as consequencias da liberdade, que é nosso bem e a nossa dignidade. Nem por isso fica menos demons-trado que a bondade de Deus nem sempre esplende na sua obra.

Por quanto, nada se pode concluir do spectaculo do Universo e da experien-^{cia} da vida. Esta certeza vem de mais alto e resiste à apparente contradicção de que ella é necessariamente o alvo, é da bondade de Deus que nos concluimos a bondade da sua obra, e o optimismo não é o resultado da observação. Essa originalidade do pessimismo moderno o faz se fundar exclusivamente sobre as misérias da vida; por mais má que

ella seja olhamola a mór parte das vêzes como um bem e deixamola com saudade; mas os pessimistas da escola de Schopenhauer ou de Hartmann provam-nos que devemos ser infelizes; deviam o seu juizo não só da imperfeição revoltante do mundo, mas da maldade ou da brutalidade ou da necessidade do seu principio: têm uma metaphysica para apoiarem as suas imprecacões. A de Schopenhauer pode chamar-se a doutrina da vontade absoluta. Uma só coisa existe por si, fora do espaço e do tempo sem individualidade, a mesma em todos os seres e no fundo de todos nos, a saber: a vontade, a causa em si, a causa d'ella, propria e de tudo o mais, a do movimento dos corpos que é a da propria essencia da matéria, a da vida universal. Ela é já no mineral como uma obscura tendencia, torna à forma dum instinto e dum a especie de irritabilidade de feno vegetal, num grau mais elevado transluçõe no animal que quer existir e quer pôrissot todas as condicões da sua existencia, inclusive uma delincação da intelligencia e finalmente ella é o todo.

no homem que tem d'ella o sentimento, é o desejo de viver que implica o pensamento como meio.¹

O sentimento religioso, moral e estético, são caracteres indeleveis que separam a psychologia humana da psychologia animal.

A ideia religiosa existe na alma humana d'um modo persistente, contínuo, vibrante, como um eco do passado, e alimena perpetuamente através os séculos, formas diferentes d'um sentimento com soldor já mais interrompido. Ela facilita demonstrar que o princípio religioso, como um factor de civilização, não procede d'um modo arbitrário ou ao acaso, mas que passa por uma sucessão determinada de fases e que o seu desenvolvimento obedece a uma lei.²

Como todo o progresso é de homem, diz um sabio inglês, a religião

natural caminha para a frente; quanto mais conhecimentos o homem adquire, tanto mais o seu espírito se eleva, e mais ella brilha numa atmosphera luminosa. Quando os outros seres obtêm do homem um accrescimo de sympathia, quando os seus sentimentos afectuosos se desenvolvem, se alargam e se tornam comparáveis ao rio, cujas aguas caídas, correm mais rápidas, e um efeito d'essa religião elevada. Vê nascer o mundo moral a voz de Deus, como nasceu o mundo material. Não tem que uma descoberta em physica lhe faça abandonar uma doutrina theologica; pelo contrário a sua fé é tanto mais firme, mais ardente, quanto mais numerosas são as descobertas scientificas; e com quanto para a nossa vista limitada devam existir sempre misterios no plano e nas obscuras do dominador do infinito, inclusivamente o proprio homem que faz parte das suas obras—a despeito de tudo isto, o homem religioso tal como nós o concebemos, tem uma confiança mais clara em Deus, confiança ampliada por uma percepção distinta pela satisfação de ver-

¹ Eléments de philosophie par Emile Chardes, pag. 589, Tomo II.

² Histoire du développement intellectuel de l'Europe, pag. 426, vol. III, J. W. Drapper, traduction de L. Aubert, Paris, 1870, pag. 235.

tanto além, quanto possa alcançar a sua vista, moverem-se todas as coisas com ordem, obedecerem sempre ao mesmo impulso, conservar sempre a mesma docilidade e concorrer para resultados similhantes, dignos das nossas bênçãos.

¹

Numa palavra elle possue a fé.¹
Quando se procura a essencia da religião em certas teorias sobre Deus, a criação e a ordem do Universo, toda a analyse logica chega a uma negacão mais ou menos completa, se pelo contrario podemos em relevo sob o ponto de vista psychologico o conteúdo ethico e ideal da religião, creando uma patria das almas puras acima do real, encontraremos sempre um fundo psychico de sentimento religioso. O homem, no estado de natureza, devia ter sensações limitadas ás simples necessidades: os perigos e trabalhos da vida selvagem não lhe deixavam o tempo necessário ao desenvolvimento da razão, para conceber uma idéa elevada e nobre da Providencia. Ha contudo no coração do homem um sentimento con-

genito que nos diz que o mundo não pode ter sido criado por si mesmo; e por isso os primeiros homens adoraram necessariamente a Deus, sem o conhecem, nas suas manifestações elevadas.

O sol attrahiu a attenção do selvagem; este tornou o astro que anima tudo pelo pae da natureza; e o culto dos astros foi um dos primeiros.

Reverenciaram-se depois os homens habes que fizeram alguns benefícios aos seus similhantes, e respeitou-se-lhes a memoria; mas como os objectos maravilhosos se engrandecem á medida que se affastam, e as tradições das suas historias e lendas foram cercadas de prodigios, transformaram-se algumas vezes em semi-deuses, e invocaram-nos.

Notaram tambem os homens que esta vida é senecada de penas; e d'ahi o temor do deus do mal, dando-se-lhe um culto. Apareceram os sacerdotes, intitularam-se ministros dos deuses, e fizeram mais felizes e ricos, n'uma veneravel indolencia, do que os infelizes por quem dirigiam as orações.

¹ Les Idées religieuses pur W. J. Fox, pag. 210.

Instituiam-se então os sacrifícios ao deus do mal que era necessário apasiguar. Os deuses benéficos receberam menos honras, porque o homem teme os maus, e trata de os affastar antes mesmo de ambicionar os bens. Não é mister dizer que se adoraram feras terríveis, e monstros imaginários; nem que d'elles se fizeram hediondas imagens, porque para os espíritos grosseiros eram psychologicamente necessários deuses visíveis. Ao menos tiveram os homens o instinto de comprehendêr que os deuses maus deviam ser fieis.

Os mexicanos derriam ondas de sangue humano nos altares do deus do mal; alguns povos asiáticos tinham o abominável Moloch; e o Egypto adorava o corcodilo. Na Persia o princípio do mal era representado por Ahriman auxiliado por seis genios maleficos denominados Dervants que a seu turno eram coadjuvados pelos Daevas que constantemente procuravam perturbar a ordem terrestre.

Não ha sentimento humano mais profundo, mais tyrrânico, mais brutal, que

mais eleve ou degrada a personalidade do que o sentimento religioso acrisiado.

Não ha terras no mundo em que mais singulares do que no Industão sejam as penitencias e os excessos do fanatismo. Uns vivem 40 e mais annos, numa gaiola. Outros toda a vida com ferros aos pés.

Andam uns com as mãos sempre fechadas, para que as unhas, crescendo, se lhes enterrém na palma da mão e a atraívessem de lado ao lado. Agarram-se outros a ramos de árvores, até que os braços se lhes paralysem.

Fazem uns o voto de estarem sempre em pé e outros de se não deitarem senão em cama com picos de ferro, que de continuo os accordam. Uns olham para o sol até cegarem de todo; conservam-se ouros sempre ás escuras. Têm-se feito enterrar uns com a cabeça para baixo e os pés só de fóra, em quanto outros hão ficado só com a cabeça de fóra, e só pentejando podiam defender-se das aves de rapina que lhe vinham debicar na cabeça e na cara. Muitos hão cortado as

mãos, braços e língua. Outros andam leguas, deitando-se no chão, pondo-se em pé, tornando-se a deitar, e pondo a cabeça onde ultimamente tiveram os pés, até chegar ao sitio em que fizeram a promessa.

O martyrologio christão é a pagina mais extraordinaria, que a historia da psychologia regista, para attestar quanto a vontade humana ao serviço d'uma ideia é indomável e heroica.

Este sentimento vae-se sucessivamente modificando, mas é inseparável do homem. O proprio Augusto Comte querendo destruir uma religião fundou outra que em verdade não conta grande numero de proselytos.

Os positivistas ingleses organizaram ha pouco tempo ainda, sob a direcção do sr. Frederico Harrisson, uma peregrinação a Paris, berço do positivismo e a cidade da Revolução do novo credo religioso. A sua primeira visita foi á casa n.º 10 da rue de Monsieur le Prince, onde viveu e morreu Augusto Comte, e hoje museu e séde do centro positivista, onde Harrisson fez um discurso. D'ahi o cortejo seguiu para o cemiterio do *Père-Lachaise*, afim de

visitar o tumulo do mestre e os dos seus discípulos.

O positivismo tem templos em Londres, em Paris, no Rio de Janeiro etc. como se vê a ideia religiosa não existe sómente nas massas ignoras, encontra-se profundamente arrigada nos focos mais brillantes da alta cultura intellectual. Existem actualmente em Berlim — protestantes 1.142.520, cristãos de diferentes confissões 7.899, católicos 99.362, israelitas 64.355, (mais do que em toda a França,) ateus 1.951, budistas 29, (todos homens), mahometanos 15, dos quaes uma mulher, sintoistas 16, japonezes 11, e japo-ponezas 5, pertencendo à religião de Confucio, e 3 pagãos.

As diversas seitas religiosas provam como uma ideia fundamental pode, segundo as circunstâncias, revestir formas diferentes. A humanidade curva-se diante d'esse sentimento, desde o Totemismo ou desde o Chamanismo até ás seitas cristãs, as mais heteroclitas e as mais abstractas. A analyse psychica e historica d'esta ideia prova que todos os raios partem para o mesmo centro convergente. E' de Lamarck

tine a seguinte phrase, realmente encantadora e profunda pela ideia que encerra: «As aspirações, mesmo confusas, do gênero humano são, para a sociedade, o que a bussola é para o navio : não vê o ponto, mas conduz-nos até lá.»

«D'ahi deduzo eu que a religião (a religião natural, já se vê), não é só obra de razão. Não é meu propósito insistir sobre esta verdade banal, a qual, ainda assim, foi inteiramente desconhecida dos deístas livres pensadores do seculo xviii. Ha na alma humana necessidades que se poderiam dizer religiosas, e que originam um mundo completo de sentimento, de intuições, de crença, que nada tem que ver com as proposições identicas e necessarias da razão. A alma, vae muito além do que é evidente e demônstravel, e n'isso está a sua grandeza e o seu poder. O gênio e a fé são, por mais de um titulo e em graus diversos, a parte verdadeiramente importante da nossa natureza intellectual.

«Todos os homens estão igualmente à altura de comprehender as mais simples demonstrações geometricas; para isso

basta-lhes só a razão; poucos, porém, possuem o gênio, e nem todos são do mesmo modo crentes, nem creem nas mesmas coisas. E não é só na designada de cultura intellectual e científica que assentam estas diferenças; com quanto não esteja em contradição muito directa com os dados da scienza positiva, a fé ainda nos mais ilustrados, só depende de si mesma. M. Renan e com elle M. Janet têm a religião antes de tudo como coisa individual e de fé interior; e nada ha mais verdadeiro. E ahi está por que a pretensão de constituir uma religião puramente racional nos parece chimerica. Ahi está porque o deísmo do seculo xvii não satisfez as almas religiosas, e é hoje condenado com desprezo por aquelles para quem a scienza é a unica religião.»¹

A falta de crenças religiosas, o scepticismo absoluto, não se encontra senão em raros individuos de nações civilizadas,

¹ Revista dos dois mundos — O deísmo inglez — pag. 668, anno de 1887 L. Carrat.

quasi sempre em decadentes épocas históricas, e quantas vezes esses individuos por uma pretensão philauctiosa affivelam essa mascara transparentemente postica com ares altaneiros afim de passarem por espíritos fortes, mas que no fôro intimo da consciencia, na sinceridade do amago do coração ou nos dias solemnes das grandes angustias, desapparece todo esse artificio como um sopro, ficando só a realidade nua e, no momento, desconsoladora.

O scepticismo absoluto seria a negação do pensamento : o espírito humano não crer n'um Deus creador, symbole do bem, mas crê então nos caprichos incongruentes d'um grande senhor chamado Acaso, e crê sempre n'uma força directriz e na uniformidade das leis da natureza. Não ha vida sem fé. O sentimento da fé n'alguma causa de supersensível é que faz agitar todas as fibras fortes e commoventes do organismo humano. Loucos os que querem lançar a vida n'uma retorta e, não contando com o resíduo, pretendem assim empiricamente explicar todas as suas manifestações.

Nenhum periodo da historia da humanidade em qualquer das formas porque o sociólogo o considere, na arte, na industria ou na politica, pôde ser comprehendido sem o estudo da religião. O sentimento religioso está espalhado por toda a parte, é uma seiva intima que faz sentir o seu aroma em todos os fructos da actividade humana. Dizia o eminentе philosóphо Santo Agostinho : *Deus est magnus in magnis, maximus in minimis.* A idéa da Providencia sob as formas mais caprichosas apparece em todas as épocas sociaes, revelando-se tanto nos pequenos factos como nos grandes. Fustel de Coulanges e Edgar Quinet, nos seus admiráveis livros : *La cité antique* e *Le génie des religions* demonstram á saciedade como o sentimento religioso é a alma da historia humana. «A historia da Grecia e de Roma é um testemunho e um exemplo da estreita relação que ha sempre entre as idéas da intelligencia humana e o estado social d'um povo. Se estudarmos as instituições dos antigos sem pensar nas suas crenças, haveremos de encontrar-as obscuras, caprichosas e inexplicá-

veis... A comparação das crenças e das leis prova, que uma religião primitiva constitue a família grega e romana, institui o casamento e a autoridade parental, fixou os graus de parentesco, consagrando o direito de propriedade e o direito de herança. Esta mesma religião depois de ter ampliado e augmentado a família, formou uma associação maior, a cidade, e reinou n'ella como na família.⁴

O notável publicista Leroy Beaulieu que n'este caso tem a vantagem de não ser filósofo, reconhece a altíssima e quasi sempre salutar ação das idéas religiosas na sociedade contemporânea, affirmando-as como um fenômeno que varia com os séculos, mas que sobrevive, sem por isso deixar de agitar a sociedade hodierna. Entende que a religião é o meio mais profícuo de penetrar na alma humana para conhecer os seus sentimentos e os seus instintos, no que elles tem de mais íntimo e de mais es-

pontaneo. Escudado com Rousseau e com Robespierre, cita a maxima de Plutarco que diz que seria tão facil edificar uma cidade nos ares como constituir um Estado sem crenças nos deuses. Chama políticos e filósofos de presumpção ingenua, os que como o fundador do positivismo—croient l'heure venue de reconduire Dieu aux frontières de leur république sauf «à le remercier de ses services prodigieux». Dieu a encore des services à rendre.⁴ No trabalho a que nos referimos, este egregio publicista acha grande ação do sentimento religioso na Russia, e diz que não deve causar estranheza n'este paiz a existencia do espírito violentamente revolucionário, porque, na maioria dos revolucionários russos, o ascendente da fé religiosa está abalada, e o vazio do sentimento, deixado pela fé cristã, foi substituído pelo espírito de utopia e pelos mais phantasticos sonhos socialistas.

¹ La cité antique, Introduction, F. de Coulanges.

⁴ La religion, le sentiment religieux et le mysticisme en Russie, par Leroy-Beaulieu, pag. 808, Revue de deux mondes, 1887.

Para os modernos psychologos materialistas as religiões não são mais do que a exteriorisacão dos sentimentos dos desejos da especie humana, a qual generosamente concede ao mundo exterior uma vida consciente, analoga á sua, sonhando com a esperança d'uma vida futura que projecta, além do tumulo, a imanagem corrigida da sua vida terrestre.¹

H. Spencer ressuscita esterilmente o *Ephemero* e consagra na sua *Sociologia*, uns poucos de capítulos, ao sistema do philosopho agrigentino, que pretendeu explicar a religião pela historia. Este sistema foi uma excellente arma de combate contra a superstição, mas hoje o criterio da linguistica e da mythologia comparada, reduziu o *Ephemero* a um phemoneno mythogenico, inherente á actividade psychica. E, impossivel explicar a existencia da universalidade dos deuses pela apoteose de alguns nomes, como o de Confucio, o de Alexandre

Magno, ou o de Cesar, etc. No entanto o grande pensador inglez, armado com a sua enorme bagagem scientifica, facilmente conglobou elementos em favor da sua theoria hierologica, preferindo-a á clara demonstração da glototogia indo-europea e semitica, ramo de minuciosa investigação scientifica que lhe é pouco familiar, e pelo qual o seu espirito altamente generalizador não professa grande sympathia.

A religião é um phemoneno sociologico, que deve ser considerada como uma phase essencialissima da evolução mental, e no seu estudo deve estar constantemente ligada á psychologia e á sciencia da linguagem. Todas as tentativas da sciencia hierologica, extranhas a este criterio, têem relativamente pouco valor. Os bellos trabalhos de Max Müller sobre os arias e de E. Renan sobre os semiitas, são um excellente exemplo, á luz do criterio glotologico; todavia há sob o ponto de vista psychologico por ora, mau grado nosso, uma grande inopia de estudos completos e profundos. As conclusões a que tem chegado esta sciencia,

¹ Dictionnaire des sciences anthropologiques:
Preface.

no estudo das religiões universaes, mas sobre tudo no das religiões nacionaes, não por ora muito hypotheticas.

Maurice Vernes vendo o abuso do metodo comparativo na Historia das religiões, á luz do criterio linguistico, chama a atenção para este assumpto na sua brillante lição de abertura, sobre historia das religiões semiticæ, feita na escola de Altos Estudos.⁴

O methodo comparativo é um processo essencial á intelligencia e fecundo na sciencia, mas não pôde conceder-se-lhe uma extensão tal que do estudo das crenças d'uma raça, num dado momento da sua evolução, se infira precisamente quaes as suas crenças anteriores e quaes as crenças de outras racas. O que a linguistica e a historia nos revelam, é já uma phase adiantada do estudo religioso. A cosmogonia, por exemplo, é um ramo á parte da religião, fundado em necessidades progressivas do nosso espirito,

o seu apparecimento não surge nem se revella senão em certos momentos da evolução social. Uma concepção cosmogonica é formada de pensamentos e de idéas, não de puros sentimentos. A cosmogonia é sómente reclamada pelos espíritos de escola, em quanto que o sentimento religioso e poetico, está intimamente ligado com a alma popular. Reville nos *Prolegomènes à l'histoire des religions*, considera o phénomeno psychico da religião em si, isto é da religião natural, como um attributo distintivo e inherente á especie humana; e não pôde explicar a ausencia total da religião, a não ser por uma enfermidade congenita ou voluntaria. O que produz a religião, não é como querem alguns tratadistas, sómente o sentimento do medo e da admiração, a faculdade mythogenica é essencial á vida psychica da especie humana: cria mythos, deifica seres, como pensa e como falla. A religião e a linguagem são dois phenomenos de produção analoga. A origem do sentimento religioso não é puramente eschatologica;

¹ Revue Internationale de l'Enseignement si-
xième année, n.º 5.